

**ANÁLISE DE METÁFORAS SOBRE A MORTE POR COVID-19:
ESTUDOS DE CASO EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BAHIA**

Igor Andrade Santos (UESB)

201620088@uesb.br

Maíra Avelar Miranda (UESB)

mairavelar@uesb.edu.br

Felipe Watarai (UESB)

felipe.watarai@uesb.edu.br

Tereza Cristina Rego Brito (UESB)

202010590@uesb.edu.br

RESUMO

Esta pesquisa objetiva investigar as conceptualizações metafóricas realizadas por jovens adultos, de 18 a 29 anos, que perderam alguém para a Covid-19, na cidade de Vitória da Conquista-Bahia. O procedimento metodológico para o exame detalhado dos dados coletados contará com o Procedimento de Identificação Metafórica (PIM). Os resultados parciais expõem que metáforas estruturais e ontológicas são deveras úteis para a representação e elaboração do episódio de luto vivenciado, sobretudo por tornar um conceito abstrato como a morte em uma ideia a ser compreendida em escala humana.

Palavras-chave:

Luto. Linguística Cognitiva. Metáforas verbais.

ABSTRACT

This research aims to investigate the metaphorical conceptualizations performed by young adults, aged 18 to 29, who lost someone to Covid-19, in the city of Vitória da Conquista-Bahia. The methodological procedure for the detailed examination of the collected data will rely on the Metaphor Identification Procedure (MIP). The partial results expose that structural and ontological metaphors are very useful for their presentation and elaboration of the episode of mourning experienced, especially by turning an abstract concept such as death into an idea to be understood on a human scale.

Keywords:

Mourning. Cognitive Linguistics. Verbal metaphors.

1. Introdução

Na antiguidade clássica, as metáforas foram compreendidas como um elemento ornamental da retórica, uma figura de linguagem presente no discurso poético em que um termo substituiria outro a partir de pura

relação de semelhança (Cf. CARVALHO; LIMA, 2012; SANTOS; COSTA, 2008). Contrariando esta lógica, Lakoff e Johnson (2002) inauguram uma nova perspectiva a respeito deste tema ao defenderem que as metáforas se fazem presentes não só na linguagem, mas na vida cotidiana, estururando pensamento e ação. Desta forma, são instrumentos importantes para a interpretação e entendimento da realidade, inclusive, tornando possível a compreensão de ideias abstratas como a morte.

Causadora de angústias, incertezas e musa inspiradora do fazer artístico, científico, filosófico, religioso e do saber popular, a morte é um tema que sempre inquietou a humanidade. Como ponderado por Barbosa, Francisco e Efken (2008), desde quando nascemos, começamos a perecer, e cada dia que passa torna-se um a menos no calendário da existência. Esta é, sobretudo, a marca da condição humana, uma vez que o homem, apesar de ser mortal assim como os outros animais, é o único que tem consciência de sua existência, e, por conseguinte, de sua finitude (Cf. KOVÁCS, 2008; WERLE, 2003).

A esse respeito, Elias (2001) destaca que existem distintas maneiras para lidar com a finitude da *vida*, como a crença mítica a respeito da *morte*, o encobrimento da ideia indesejada, a negação deste ato, a crença na imortalidade e a concepção deste fenômeno como algo que há de se conviver. Em suma, existem distintas maneiras em que se pode pensar e interagir com a sua própria existência diante da finitude.

De acordo com o Estatuto da Juventude, instituído na lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013 (Cf. BRASIL, 2013), os jovens são aqueles cidadãos que possuem de 15 a 29 anos. Neste período não é de se estranhar que o olhar para a morte, muitas vezes, seja distante e diferente do experienciado em outras fases da vida, uma vez que, em meio ao ápice do desenvolvimento físico e cognitivo, as questões destes sujeitos se voltam à autonomia, aos relacionamentos, à vida sexual. Nesta fase da vida, é comum viver como se fosse imortal, fazer planos e projetar sua vida para o futuro como se a morte não existisse (Cf. SILVA; SILVA, 2011; BUSA; SILVA; ROCHA, 2019). Desta forma, passar pelo luto nesta época da vida acaba por ser fortemente marcado por distintas mudanças, que vão além da ruptura daquele vínculo, mas perpassam, por exemplo, os papéis exercidos socialmente, como deixar de ser filho para se tornar órfão (Cf. BUSA; SILVA; ROCHA, 2019).

Enfrentar as perdas e pensar a morte num cenário pandêmico¹ acaba trazendo consigo significações ainda mais particulares. Além das mortes ocasionadas pelo novo coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19), a sen-

sação de insegurança diante de uma ameaça invisível passou a tomar conta do imaginário popular. Neste contexto, a morte se torna ainda mais próxima e súbita do que se está acostumado (Cf. MIYAZAKI; TEODORO, 2021).

Desta forma, destaca-se a importância de compreender como jovens enlutados metaforizam a morte e vivenciam a perda, sobretudo ao verem que suas vidas não irão mais seguir o mesmo curso. Aliado a isso, destaca-se o fato de que, enquanto falam, os sujeitos podem elaborar suas próprias experiências, o sofrimento vivenciado e os rumos que sua vida tem tomado após este evento.

Destarte, diante da temática delicada da experiência com o luto, do falecimento de um ente querido e do cenário pandêmico ocasionado pelo corona vírus, o presente estudo visa compreender como jovens adultos de Vitória da Conquista, Bahia, que perderam alguém para a Covid-19, metaforizam a morte e como se dá seu processo de viver o luto.

2. Referencial Teórico

2.1. A experiência do Luto

Para Freud (1996), o luto consiste na perda do objeto amado, do ente querido, da abstração que ocupou o lugar deste, como a liberdade, a pátria, o ideal de alguém, entre outros. Para este autor, o ser humano tem profunda associação com a falta e é através desta que ele organiza sua economia psíquica. O objeto que falta acaba por impedir o sujeito de gozar plenamente de suas vontades, ao passo que instaura um desejo de possuí-lo e de se satisfazer com ele. Desta forma, na experiência do luto, o sujeito demanda certo tempo para que o ego seja submetido ao teste da realidade, que consiste no reconhecimento de que o objeto externo e amado, para o qual se dispôs expectativas, não existe mais, e para que este investimento libidinal possa se voltar a outros objetos (Cf. FREUD, 1996).

Esta experiência de sofrimento devido a perda do objeto amado, pode acabar se desdobrando em um quadro patológico nomeado por Freud de *melancolia* (1996). Neste caso, o que se perde não é um objeto exterior que torna o mundo pobre e vazio como no luto. Na verdade, na *melancolia*, o próprio eu é que passa a se ver assim. Há então uma rela-

ção narcísica e de identificação entre o ego e o objeto que impossibilitaria a separação entre eles.

Desta forma, Freud (1996) reconhece que o narcisismo possui uma profunda articulação com a identificação, por meio da qual ocorre uma certa incorporação do objeto libidinal. Sendo assim, o “eu” torna-se inseparável do “objeto”, perdê-lo, portanto, é o mesmo que perder parte do “eu”.

Por sua vez, Kübler-Ross (1996) apresentou, em seu ilustre livro “Sobre a Morte e o Morrer”, cinco estágios para o luto, não delimitando uma sequência de estágios, mas afirmando que é comum que os sujeitos passem por pelo menos dois deles. O primeiro consiste na *Negação e isolamento*, o qual diz respeito à busca por questionar e negar a veracidade da notícia da morte de alguém ou do diagnóstico de uma doença terminal no caso de um paciente. O indivíduo, após ser atingido pelo torpor da infeliz descoberta, esquiva-se, revelando sua incapacidade de lidar com este fato. Neste estágio são comuns as frases “Isso não pode estar acontecendo”, “Não pode ser verdade”. Além disso, a *negação* se trata, na maioria dos casos, de uma defesa temporária que acaba sendo substituída pela *aceitação parcial*, que consiste num estado de recuperação gradual, à medida que vai se acostumando com a realidade, podendo então, reagir a esta.

O segundo estágio refere-se à *Raiva*, no qual se revelam sentimentos de revolta, inveja, inconformismo e ressentimentos. Nesta fase são comuns frases como “Por que ele me abandonou?” ou “Porque estou passando por isso e não outra pessoa?”. Esta raiva surge através de projeções direcionadas ao ambiente externo, onde a busca por vingar-se torna-se comum. É, para a autora, um estágio difícil para aqueles que cercam o enlutado ou enfermo, já que suas atitudes nem sempre são plausíveis (Cf. KÜBLER-ROSS, 1996).

O terceiro estágio, a *Barganha*, diz respeito à busca por mudar a dura realidade que se apresenta. Nesta fase, nota-se uma esperança em um prolongamento da vida ou de cura divina que seria conquistada em troca dos méritos que um sujeito julga possuir ou de ações que promete desenvolver, como “ser uma pessoa melhor”, por exemplo (Cf. KÜBLER-ROSS, 1996).

O quarto estágio, a *Depressão*, é uma fase marcada pela saudade e tristeza. Nesta, a pessoa retira-se para seu mundo interno, isolando-se, podendo se sentir extremamente impotente diante da situação de perda

ou da iminência de sua morte. Kübler-Ross (1996) destaca que esta fase necessita de intervenções ativas por parte das pessoas que acompanham o enlutado ou enfermo. Isto se dá a fim de evitar a depressão silenciosa, uma vez que apenas superando as angústias e as ansiedades pode se alcançar o estágio da *Aceitação*.

É saudável que a angústia vivida pelo luto encontre seu fim. Entretanto, este empreendimento torna-se extremamente difícil para as pessoas que vivem um sofrimento diante da morte. Para estes sujeitos, torna-se torturante admitir que as coisas mudaram e não são mais as mesmas. Apenas a partir da compreensão de que a realidade agora é diferente, que se perdeu aquilo e aqueles para quem se dirigia tanto afeto é que o sujeito passa a conviver com essa nova realidade, lidando, portanto, de maneira mais saudável com a saudade. A partir deste momento, atinge-se o quinto estágio, a *Aceitação*, onde organizar-se diante de sua própria vida torna-se possível (Cf. KÜBLER-ROSS, 1996).

2.2. Luto e Covid-19

No final de 2019, o mundo deparava-se com o primeiro caso da Síndrome respiratória aguda grave 2 (Sars-COV-2), causada pelo coronavírus e responsável por causar febre, cansaço e tosse seca (OPAS, 2020). Tendo seu surgimento na China, rapidamente foi disseminada pelo mundo, e em 30 de janeiro de 2020, a Covid-19 se tornou uma emergência de saúde pública de nível internacional, sendo responsável por iniciar uma crise sanitária sem precedentes (Cf. RIBEIRO; BRAGA; TEIXEIRA, 2021). Houve, de setembro de 2020 a setembro de 2021, 28.040.853 casos no mundo, sendo que destes, 4.335.066 foram no Brasil. Isso significa que em seu primeiro ano em solo brasileiro, a Covid-19 foi responsável por matar mais do que a AIDS matou em décadas (Cf. CORREIA, 2021).

Sendo assim, a possível infecção por uma ameaça indetectável a olho nu trouxe aos sujeitos preocupação, insegurança e medo ao fazê-los se defrontar com a possibilidade de encontrarem a morte ou de perder um dos seus.

Além disso, a Covid-19 expõe outras questões delicadas ao vivenciar a perda ocasionando, inclusive, implicações psicológicas. Tais questões são: (1) Os lutos sequenciais dentro de um mesmo ciclo familiar; (2) a impossibilidade de estar próximo a outras pessoas que ofereçam acolhimento diante do falecimento, devido a medidas sanitárias das quarente-

nas; (3) a necessidade de modificação ou a inviabilidade da realização de ritos fúnebres (Cf. MIYAZAKI; TEODORO, 2021).

A respeito do primeiro tópico, é nítido que, ao ver tantos parentes e amigos falecerem seguidamente, o sujeito se veja numa situação angustiante por não saber quem será o próximo, se haverá o próximo ou se o próximo será ele mesmo. Isso acaba por impactar severamente a vivência do sofrimento e trazendo maiores desafios na forma de lidar e se adaptar a tais perdas (Cf. CREPALDI; SCHMIDT; NOAL; BOLZE; GABARRA, 2020).

Sobre a segunda questão apresentada, Hisatugo (2020) defende que as redes de apoio que estejam disponíveis para escutar e serem um suporte afetivo são de suma importância para a vivência do luto. Não possuir tal suporte, é lembrado por Kübler-Ross (1996) como deveras preocupante, já que pode levar o sujeito a viver uma depressão silenciosa.

A respeito da impossibilidade da ocorrência dos velórios, o poeta e escritor Carpinejar (2020) reflete que se não existiu a possibilidade de ver a pessoa ser enterrada, então não houve a experiência visual para fechar a dor sentida. Desta forma, sempre haverá a sensação de que o ente querido irá aparecer repentinamente (Cf. AMARO, 2020). Ainda sobre isso, Calvancanti, Samczuke Bonfim (2013) declaram que, apesar de ser doloroso constatar a nova realidade, isso é extremamente necessário para que se alcance a elaboração.

2.3. *Metáforas Conceptuais e a morte no discurso*

A Metáfora Conceptual, conceito cunhado por Lakoff e Johnson (2002), apresentado pela primeira vez na obra teórica *Metaphors we live by*, de 1980, revolucionou drasticamente a linguística cognitiva ao explicar que, muito além de uma figura de linguagem própria da expressão poética, as metáforas apresentam-se como um domínio conceptual que é compreendido a partir de outro, sendo que ambos os domínios são distintos.

Os autores trazem que a forma como se pensa o mundo e como se pensa a respeito dele, muitas vezes, segue um processo automático. Desta forma, as metáforas presentes no sistema conceptual ordinário acabam se ocultando, entretanto, podem ser observadas através da evidência linguística, como, por exemplo, na metáfora *tempo é dinheiro* (Cf. LAKOFF;

JOHNSON, 2002). Neste exemplo, o domínio conceptual *tempo*, definido como alvo, é compreendido em detrimento de um domínio diferente, o *dinheiro*, definido como fonte (Cf. LAKOFF; JOHNSON, 2002; BERBER, 2011). A seguir encontram-se frases nas quais Lakoff e Johnson (2002) elucidam a presença desta metáfora:

- (01) Você está desperdiçando o meu tempo.
- (02) Nosso tempo vai se esgotar.
- (03) Seguir por este caminho lhe economizará tempo.
- (04) Isso não vale o meu tempo.

Esta metáfora exemplifica uma atividade cotidiana de uma sociedade moderna e industrializada que vê o tempo como um bem valioso e limitado, tal como o dinheiro. Isso evidencia, também, o impacto cultural sobre a metáfora utilizada, já que pode haver sociedades que não pensem o tempo através desta perspectiva (Cf. LAKOFF; JOHNSON, 2002). Além disso, cabe ressaltar que o exemplo supracitado passa a ser entendido através de um mapeamento (correspondência), que possibilita a alusão de que o tempo é algo que se economiza, se gasta, desperdiça, perde, ganha, troca (Cf. BERBER, 2011).

A metáfora *tempo é dinheiro* também revela outro elemento característico das metáforas, a possibilidade de tornar mais fácil a compreensão de conceitos abstratos (Cf. BERBER, 2011). Isso pode ser observado nos seguintes trechos, o primeiro retirado da música “Ouro de Tolo”, de Raul Seixas e o segundo da música “Canção para a minha morte”, do mesmo cantor:

- (05) “Eu é que não me sento no trono de um apartamento com a boca escancarada, cheia de dentes, esperando a morte chegar.” (SEIXAS, 1973)
- (06) “A morte, surda, caminha ao meu lado e eu não sei em que esquina ela vai me beijar. Com que rosto ela virá? Será que ela vai deixar eu acabar o que tenho que fazer? Ou será que ela vai me pegar nomeio do copo de uisque?” (SEIXAS, 1976)

Em ambos os trechos, o artista personifica a morte como alguém, de rosto oculto, que o procura. Ou seja, a *morte é um visitante* que bate a sua porta, um caçador que irá pegá-lo desprevinido, impedindo que ele termine aquilo que planejava. Acerca destas personificações, Ferrari (2011) evidencia que além desta, outras personificações comuns a respeito da morte é vê-la como um ceifador, um destruidor, um oponente em um jogo de xadrez. Carvalho e Lima (2012), ao estudarem as metáforas

presentes em poemas de poetas brasileiros também evidenciaram esta personificação, conforme elucidam os seguintes trechos:

- (07) “Esqueleto armado de foice, que a mãe lhe um dia levou.” (BANDEIRA, 1993, p. 194-5)

Na citação, o poeta, além de personificar a morte coma aparência de um cadáver após o processo de decomposição, ainda lhe culpa por ter lhe roubado sua mãe. Desta forma, outra metáfora conceitual presente neste poema é a *morte é um ladrão*.

Carvalho e Lima (2012) também trazem que é comum ametaforizarão da *morte* como *sono*. Isso se dá devido a experiência corpórea de um morto e alguém adormecido que igualmente podem apresentar-se deitados, de olhos fechados e imóveis.

- (08) “E ninguém surge aqui para velar-te o sono! E depois, nesse Morroonde a Alma em sonhos erra, [...] Há de dormir, sempre ao clamor da mesma guerra, [...]” (GUIMARÃES, 2001, p. 55)

Uma forte associação à morte, presente na civilização ocidental, é de ser aquela que detém o poder de obscurecer a vida e tirar dela sua luz. Desta forma, evidencia-se a metáfora *Morte é escuridão*, conforme explicita o trecho a seguir:

- (09) “Do seu corpo escurece a luz dos quatro círios: Ela faz-me pensarnum ancestral Condessa Da Idade Média, morta em sagrados delírios.” (GUIMARÃES, 2001, p. 54)

Concomitantemente, Carvalho e Lima (2012) destaca mametáfora *Morte é Viagem*, como fortemente utiliza da na poesia brasileira. Nesta, a morte torna-se a passagem para uma nova jornada, ou quem sabe, o fim dela, em que nada pode ser levado consigo. A metáfora conceitual presente nesta ideia é a metáfora *Morte é o destino final*. O trecho dos poemas as eguir evidenciam isso.

- (10) “Adeus, meus sonhos, eu prantei o e morro! Não levo da existência uma saudade!” (AZEVEDO)
- (11) “Depois de morto, quando eu chegar ao outro mundo [...]” (BANDEIRA, 1993, p. 258)

Cabe ressaltar que tais metáforas conceituais, além de surgirem na linguagem poética, também se fazem presentes nos discursos cotidianos. Frases como “*Ele partiu dessa para melhor*” (*morte é viagem*), ou “*A morte levou meu filho*” (*A morte é um ladrão*), comuns de serem expressas no dia-a-dia, trazem ideias abstratas, como é o caso da morte, para uma escala mais fácil de ser imaginada e compreendida, e quem sabe, mais pos-

sível de se lidar, uma vez que somente se lida com aquilo que se conhece.

3. Metodologia

Esta pesquisa foi realizada por meio de abordagem qualitativa, uma vez que este se predispõe a responder a um questionamento amplo, relacionando a uma situação estrita. A coleta de dados foi efetuada a partir de entrevistas semiestruturadas. A escolha por este instrumento se deu, sobretudo, devido a sua flexibilidade durante a sua condução, proporcionando portanto, que outras questões possam emergir ao decorrer dos questionamentos (Cf. SILVA, 1998). Outrossim, segundo Bogdan e Biklen (1994), tal ferramenta permite também a obtenção de dados dos participantes que sejam comparáveis entre si.

A pesquisa contou com dois participantes e o contato com estes se deu através de uma amostragem por conveniência (Cf. BOGDAN; BIKLEN, 1994). As entrevistas foram gravadas com consentimento dos entrevistados, transcritas e analisadas à luz da Identificação de Metáforas (PIM), desenvolvido pelo Grupo Pragglejazz (2009).

Este método objetivo segue quatro etapas, sendo o primeiro a leitura do texto a fim de compreender seu significado. Na segunda etapa, separa-se as palavras do texto em unidades lexicais. Na frase “Você partiu meu coração.”, por exemplo, as unidades lexicais são: *Você / partiu / meu / coração*. Posteriormente, é determinado o significado da unidade lexical no contexto utilizado e o compara com o significado atual mais básico para aquela unidade lexical. O grupo Pragglejazz (2009) defende que os significados básicos tendem a ser:

- Mais concretos (mais fáceis de se imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e sentir o gosto);
- Que possuem relação com o funcionamento do corpo;
- Com maior precisão;
- Mais antigo historicamente.

Por fim, se observa a ocorrência, ou não, de oposição entre significado contextual com relação ao significado mais básico. Caso haja uma oposição, aquela unidade lexical pode ser compreendida como sendo metafórica.

Diante das unidades lexicais do exemplo supracitado: *Você / partiu / meu / coração*, podemos determinar os seguintes significados contextuais e básicos e identificar as seguintes metáforas:

Você

- a) Significado Contextual: Diante do contexto, *você* refere-se a um sujeito específico para quem a frase deseja alcançar, ou seja, aquele que feriu os sentimentos do falante.
- b) Significado Básico: *Você* é um pronome pessoal de tratamento. Na monarquia portuguesa o rei era denominado de vós, mas diante da importância econômica deste império, surgiu a necessidade de destacar o monarca dos demais membros da corte. Assim, este passou a ser tratado de outras maneiras, como, *Vossa Mercê*, por exemplo; No Brasil colônia, este termo acabou sofrendo modificações de uso, transformando-se em *você*, sobretudo devido à falta de escolas para corrigir erros e por não possuir imprensa para fixar visualmente padrões da escrita. Desta forma, *você*, passou a ser utilizado para qualquer pessoa, de maneira informal (Cf. PERES, 2007).
- c) Significado Contextual *versus* Significado Básico: O significado contextual e básico são os mesmos por ser empregado a qualquer pessoa, sem distinção.
- d) Usado metaforicamente: Não.

Partiu

- a) Significado Contextual: Nesse contexto, *partiu*, refere-se a uma desilusão amorosa vivida por aquele que expressa a frase, podendo ter sido provocada por uma decepção, por exemplo.
- b) Significado Básico: *Partir* é um verbo transitivo direto, que se refere a ação de dividir algo em duas ou mais partes. Além disso, pode ser empregado para expressar algo que se quebrou ou foi aberto (Cf. PARTIU, 2022).
- c) Significado Contextual *versus* Significado Básico: O significado contextual se opõe ao significado básico. A ideia que se pretende alcançar na frase pode ser entendida na alusão de que os sentimentos de alguém podem ser quebrados.
- d) Usado metaforicamente: Sim.

Meu

- a) Significado Contextual: No contexto, *meu* refere-se à posse da pessoa que expressa a frase sobre seu próprio coração.
- b) Significado Básico: *Meu* é um pronome possessivo que indica pertencimento e/ou domínio sobre alguém ou alguma coisa (Cf. MEU, 2022).
- c) Significado Contextual *versus* Significado Básico: O significado contextual não difere do significado básico.
- d) Usado metaforicamente: Não.

Coração

- a) Significado Contextual: Diante do contexto, *coração* refere-se ao sentimento de amor e afeto que o falante deixou de ter para com aquele com quem fala, a partir do momento em que viveu uma desilusão amorosa.
- b) Significado Básico: O significado mais básico para a palavra *coração* é o de um órgão torácico que desempenha o papel de bombear o sangue para outras áreas de um organismo (Cf. CORAÇÃO, 2022).
- c) Significado Contextual *versus* Significado Básico: O significado contextual difere do significado básico. A palavra pode ser compreendida pela alusão socialmente difundida de que o *coração* é o órgão que detém as faculdades emocionais e onde residem as afetividades.
- d) Usado
- e) metaforicamente: Sim.

A partir do exemplo acima, utilizado para melhor compreensão do PIM, torna-se possível evidenciar que a frase “Você partiu meu coração.” possui quatro unidades lexicais, sendo que destas, duas são utilizadas de maneira metafórica.

4. Resultados parciais e discussão

A fim de salvaguardar a identidade dos entrevistados, aqui, ambos ganharam nomes fictícios, a saber: Caíque e Luana. Ambos possuem 23 anos. O primeiro perdeu seu tio-avô e é DJ; já a segunda viveu muitos lu-

tos sequenciais, porém na entrevista, focou na experiência do luto por duas amigas e um amigo. Além disso, ela é estudante de nível superior.

Segundo Lakoff e Johnson (2002), referir-se a respeito de eventos, atividades, emoções, ideias, como se estes fossem substâncias ou objetos concretos é uma base para a compreensão destes fenômenos, uma vez que, ao identifica-los deste modo, é possível categorizá-los, agrupá-los, quantificá-los e, por consequência, racionalizá-los. Esta ideia emerge no discurso de Caíque e de Luana quando falam a respeito da Covid-19 e da morte, como pode ser observado nas seguintes frases:

Caíque: “A gente nunca imagina que *vai chegar* na gente, né?”

Caíque: “Aí que a gente começa a cair a ficha que tá *chegando* próximo da gente”

Luana: “(...) mas eu sei lidar com a realidade que é a única certeza que eu tenho que algum dia vai chegar e isso me faz pensar muito no que eu vivo hoje, né?”

Nas frases expostas por Caíque, a Covid-19 passa a ser representada como um objeto que se direciona até ele, desta forma a Covid-19 é *um objeto em movimento*. Já na fala de Luana, o mesmo ocorre, entretanto, com a morte, logo, a metáfora que emerge é *a morte é um objeto em movimento*. Para Lakoff e Johnson (2002), correlacionar

algo a um objeto em movimento trata-se de uma metáfora ontológica básica de ordem orientacional. Estas metáforas são fundamentadas em virtude de correlatos sistemáticos dentro da experiência humana. Nesta lógica, portanto, a Covid-19 e a morte ganham um sentido para qual se dirige e que gasta determinado tempo para chegar ao seu objetivo.

A expressão “cair a ficha”, dita por Caíque, também se faz presente no discurso de Luana, ao falar sobre duas amigas que faleceram: **Luana:** “Quando eu fui olhar as mensagens no celular, que eu vi o nome delas, eu fiquei muito triste. Ali eu comecei a chorar. Foi quando eu tive... Parece que a *ficha caiu*”. A ficha, nestas expressões, representa o momento em que se passa a ter consciência de uma notícia, em outras palavras, quando ela cai sobre os entrevistados. Desta forma, evidencia-se a metáfora orientacional que segue um conceito espacial de cima-baixo, exposta na metáfora *ter consciência é pra baixo*.

A respeito da notícia fatídica da morte, conta **Luana:** “Eu tive o *choque* de realidade de que essas pessoas não existiam mais”. Nesta fala, a entrevistada representa a consciência a respeito da morte de suas amigas como uma corrente elétrica que atinge seu corpo, portanto, a metáfora *Consciência da morte é corrente elétrica* emerge de sua fala. A partir

do corpo que os seres humanos experimentam o mundo desde a tenra idade. São nos corpos que as dores, como a de um choque, são sentidas. Esta metáfora, então, evidencia o fator referencial do corpo (Cf. LAKOFF; JOHNSON, 2002), na forma como Luana a estrutura.

Enquanto se expressam a respeito da morte, Caíque, a seguir, destaca a ideia de que *a vida é uma jornada* e que por consequência *a morte é o fim desta jornada*. Luana, por sua vez, expõe, logo abaixo, que *a morte é uma jornada árdua* e, enquanto fala sobre parentes que se portaram de forma negacionista diante do Covid-19, e acabaram por acelerar a jornada da vida. Estas metáforas tornam-se nítidas no trecho a seguir: **Caíque**: “Tem que tá na terra, fazer, viver, aproveitar o máximo porque *quando morre acaba*”; **Luana**: “E eu não tenho medo da morte, não tenho medo de morrer. Mas eu tenho medo de sofrer com ela. Eu não gostaria de sofrer nesse *percurso*”; “Eu encaro o falecimento como uma coisa natural e nesse caso eles só aceleraram o processo por pura, é...Falta de, de critério e nem era falta de informação mas, era o que eles acreditavam”.

Representar a vida e a morte como jornadas significa, para Lakoff e Johnson (2002), afirmar que elas têm um início, etapas lineares a serem percorridas, com coisas a “fazer”, como evocado por Caíque. Desta forma, esta jornada possui distintos acontecimentos progressivos que não acontecem e que caminha em direção a alguma coisa, ou seja, possui um ponto de chegada. Na frase de Caíque, o destino final fica óbvio: a morte.

A infecção pelo corona vírus foi descrita por Luana como um grande receio, tanto devido ao risco à sua própria vida, mas também, à de seu pai, com quem passou o período de quarentena. Em suas palavras, ela diz: **Luana**: “ (...) se eu não morrer disso eu posso *levar o vírus pra casa*, matar meu pai. Eu fiquei morrendo de medo de matar meu pai”. Nesta afirmação, a entrevistada expõe que seu corpo, ao estar sujeito a se infectar, poderia passar a conter dentro de si o vírus da Covid-19. Desta forma, seu corpo comporta-se como um contêiner, onde pode haver um conteúdo dentro, ou seja, o corona vírus, e conteúdos fora dele. Outra metáfora de *peessoas são contêineres* também exposta na seguinte fala da entrevistada: **Luana**: “Eu sei que eles tão, né? Em alguma parte dentro de mim. *Eu guardo eles* com bastante carinho”.

A personificação é uma metáfora ontológica onde determinado conceito acaba ganhando características humanas, como possuir sentimentos, ter comportamentos, pensamentos, vontades, qualidades e defeitos (Cf. LAKOFF; JOHNSON, 2002). Durante a entrevista, duas persofinicações

são feitas por Luana, uma referente à morte e outra a respeito da notícia da morte de um amigo, como evidenciado a seguir: **Luana:** “Todo mundo ia pro trabalho protegido e tudo mais. E era todo mundo muito próximo. Sempre vigilante. E eu ainda tenho a sensação de que foi um *acontecimento injusto*”; “Eu comecei a ficar com bastante medo de que a realidade não era essa e que *a gente podia ser pego de surpresa tanto quanto eu fui pela notícia pela morte dele*”.

Na primeira fala, Luana expõe sua indignação perante ao fato de que suas amigas que se cuidaram acabaram falecendo. Faz com que a entrevistada sinta que *a morte é uma pessoa injusta*. A contextualização do segundo trecho decorre da explicação de Luana a respeito de que foi uma grande surpresa perder um amigo tão jovem diante das notícias de que estes não eram grupo de risco. Este fato, então, fez com que a entrevistada se sentisse bastante insegura, como se a notícia da morte de alguém fosse um inimigo a espreita que a qualquer momento poderá pegá-la desprevenida.

Caíque, por sua vez, apresenta a seguinte persofinicação em sua fala: **Caíque:** “(...) logo quando tava em alta a COVID em países a fora (...) pra a gente tava normal. Quando deu o primeiro caso de Covid (...) foi o maior impacto na cidade. (...) Nem na rua dele o povo queria passar”.

Na fala acima, o entrevistado expõe o receio de se aproximardas daquelas pessoas que estavam infectadas, como se este fosse a própria doença. Desta forma, se evidencia que neste discurso *a pessoa infectada é a Covid-19*. Além disso, busca-se evitar esta pessoa, como maneira de se salvaguardar também dos possíveis efeitos que poderiam se desenrolar da infecção, como por exemplo, a morte. Nesta perspectiva, portanto, evidencia-se também a metáfora *a pessoa infectada é a morte*.

5. Conclusão

Passar por um luto diante da Covid-19 apresenta certas particularidades que podem em muito tornar mais penoso o processo de vivenciar esta perda, uma vez que, por exemplo, impediu a socialização com seus iguais e a participação em ritos fúnebres, por exemplo. A isso, pode se somar o fato de que os participantes deparam-se com o luto, justamente no momento em que vivem o ápice das capacidades físicas e cognitivas, o que pode lhes causar um grande estranhamento, através desta experiência em que são convidados a pensarem a respeito da vida e da morte.

Porém, como poderiam relatar sobre conceitos tão abstratos? Como poderiam traduzir em palavras sentimentos tão complexos que envolvem perder um ente querido? Tais perguntas são respondidas através das metáforas verbais. Os entrevistados recorrem a elas para dar movimento à Covid -19 e expressar seu medo pela infecção, utilizam de experiências corpóreas para contar sobre o sofrimento de dar-se conta da perda de alguém que tanto se amava, personificam a morte como injusta e a pessoa infectada como a própria morte e trazem ideias tão abstratas para uma escala humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARO. A importância do luto e a forma de passar pela perda de entes queridos quando não podemos estar presentes. Informa, 2020. Disponível em: [https://informa.fmu.br/espaco-docente/artigo-aimportanciadoluto/#:~:text=Parkes%20\(1987\)%20tamb%C3%A9m%20descreve%20que,escutar%20para%20estar%20ao%20ado](https://informa.fmu.br/espaco-docente/artigo-aimportanciadoluto/#:~:text=Parkes%20(1987)%20tamb%C3%A9m%20descreve%20que,escutar%20para%20estar%20ao%20ado). Acesso em: 24 de maio de 2022.

AZEVEDO, A. *Spectrum gothic*. Disponível em: <http://www.spectrumgothic.com.br/literatura/autores/alvares.htm>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARBOSA, L. N. F.; FRANCISCO, A. L.; EFKEN, K. H. Morte e vida: a dialética humana. *Aletheia*, v. 28, n. 1, p. 32-44, Canoas, jul./dez.2008.

BERBER. S. T. Metáforas e Linguística de Corpus: Metodologia de análise aplicada a um gênero de negócios. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUC-SP. Impresso), v. 27, p. 1-20, 2011.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Brasília-DF, Presidente da República, 2013, Disponível em: planalto.gov.br/ccivil_03/_ato/20112014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 07/03/22.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Entrevistas*. Investigação qualitativa em educação. Porto-Pt: Porto, 1994. p.134-9

_____; _____. Estudos de caso. In: _____. *Investigação qualitativa em educação*. Porto-PTI: Porto, 1994. p. 89-92

BUSA, A. L. A.; SILVA, G. B. da.; ROCHA, F. O luto do jovem adulto decorrente da Morte dos Pais pelo câncer. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 39, n.1, e183780, Mauá, 2019.

BOUTEILLER, B.; MELLO, C. de B. Luto e melancolia: variações com o texto de Freud. Trad. DE Bernardo Maranhão. *Reverso [on-line]*. v. 39, n. 73, p. 35-44, 2017.

CAVALCANTI, A. K. S.; SAMCZUK, M.L.; BONFIM, T.E. O Conceito Psicanalítico do Luto: Uma Perspectiva a Partir de Freud e Klein. *Psicólogo inFormação*, v. 17, p. 87-105, 2013.

CARPINEJAR, F. Os 60 mil não são mortos e simdesaparecidos. In: BERGAMO, M. *Folha ilustrada, Jornal Folha de Paulo*, São Paulo, 2020, julho 5.

CARVALHO, V. S.; LIMA, S. M. C. de. As metáforas da morte na poesia brasileira: um estudo à luz da linguística cognitiva. *Revista de Letras*, v. 31, p. 107-13, Fortaleza, 2012.

CORREIA, F. Emumano, Covid-19 matou mais do que AIDS em décadas. *Olhar Digital*, São Paulo, 30 de Mar. de 2021. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/03/30/coronavirus/em-um-ano-covid-19-matou-mais-do-que-aids-em-decadas>; Acesso em: 07/03/2022

DA COSTA E SILVA, A. F. *Sangue*. Teresina: Oficina da Palavra, 2007.

ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FREUD, S. *Luto e melancolia*. In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914–1916)*, 1917. Direção-geral da trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 249-63

GUIMARÃES, Alphonsus de. *Melhores poemas de Alphonsus de Guimarães*. Seleção de Alphonsus de Guimarães Filho. São Paulo: Global, 2001.

HISATUGO, C. L. C. *Uma conversa importante sobre a vida e a morte em tempos de Coronavírus*. 2020. Disponível em: <https://lnkd.in/ehDZnDp>.

KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAKOFF, G. JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. De Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002 [1980].

RIBEIRO, D. De A.; BRAGA, A. F. D.; TEIXEIRA, L. Desigualdade Socioespacial e o impacto da Covid-19 na população do Rio de Janeiro: análises e reflexões. *Cad. Metrópole*, v. 23, n. 52, p. 102-34, 2021

SANTOS, R. Y.; COSTA, M. A. As metáforas de Vida e Morte. In: III Congresso Internacional sobre a metáfora na Linguagem e no Pensamento, Fortaleza, 2008.

SILVA, P. J. C. Lembrar para esquecer: a memória da dor no luto e na consolação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental (Impresso)*, v. 14, p. 711-20, 2011.

SILVA, R. C. da. A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisa. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z.M. (Orgs). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legi Summa, 1998. p. 159-74

SILVA, R. S. da Sodré da; SILVA, V. R. da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. *Caderno CRH (UFBA)*, v. 24, n. 63, p. 663-78, 2011.

SCHMIDT, B.; BOLZE, S. D. A.; GONÇALVES, J. R.; GABARRA, L. M. Terminalidade, Morte e Luto em Famílias com Crianças e Adolescentes: Possibilidades de Intervenção Psicológica. In: GARCIA, A.; DÍAZ-LOVING, R. (Orgs). *Relações Familiares: Estudos Latino-Americanos*. 1. ed. Vitória: UFES, 2013. v. 1, p. 89-98

WERLE, M. A. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. *Trans/Form/Ação*, v. 26, n. 2003, p. 9, São Paulo, 2003.

Outras fontes:

CORAÇÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: dicio.com.br/coracao/. Acesso em: 15/04/2022.

MEU. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: dicio.com.br/meu/. Acesso em: 15/04/2022.

RAUL SEIXAS. *Canto para a minha morte*. São Paulo: Philips Records.
_____. *Ouro de tolo*. São Paulo: Philips Records: 1973. Disco de Vinil
(2minutos e 51segundos).